

X



LINHA DE RUMO

AGOSTINHO
NETO

6 DE JUNHO DE 1968

Companheiros de Luta
Camaradas

É com a maior alegria que aproveito esta oportunidade, oferecida pelos serviços exteriores da Rádio Tanzania, para vos enviar esta mensagem; mensagem que é destinada não somente aos compatriotas angolanos e aos camaradas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), mas também aos bravos companheiros de luta que em Moçambique, sob a bandeira da FRELIMO, erguem bem alto o facto da revolta contra a ocupação colonial portuguesa.

Unidos no mesmo combate, os povos das colónias portuguesas, na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola, têm infligido, nos últimos tempos especialmente, inúmeras derrotas ao inimigo. As áreas controladas pelos guerrilheiros não cessam de aumentar. A vida nova nessas áreas vai-se aperfeiçoando e vão-se encontrando os caminhos que restituirão aos nossos povos a independência perdida há séculos atrás, a sua dignidade, o seu justo lugar no mundo.

Por isso é que os movimentos que dirigem a luta nesses países ainda dominados por Portugal, estão unidos e cooperam estreitamente para conseguir objectivos comuns, ambos respeitanto as diferenças existentes nas condições específicas de cada país. E o que é certo é que de uma maneira geral, a nossa luta pela independência não cessa de melhorar e de progredir.

A cooperação das actuais colónias portuguesas, nesta fase, e também no futuro, tanto para a conquista da independência como para a fase de reconstrução nacional, é e será, absolutamente necessária.

Felizmente temos já uma experiência em Africa, após a independência dos países do nosso continente, que eram dominados pelo imperialismo. E se por um lado essa experiência tem revelado muitos aspectos positivos, é evidente que por outro lado tem revelado fraquezas, uma das principais sendo a quase geral dependência económica em relação às antigas metrópoles, o que não permite portanto o acesso a uma independência completa.

Esta experiência deve animar-nos, a nós que nos estamos batendo de armas na mão, a encarar formas mais elevadas de organização e meios mais eficientes para atingirmos o nosso fim: a independência completa. O sangue que estão derramando os melhores dos filhos das nossas pátrias, o esforço de cada guerrilheiro de cada homem dos nossos povos, não pode nem deve ser mal gasto, em formas pouco apropriadas de organização no presente e deficientes no futuro.

É necessário que o controle real do país, quer do ponto de vista político, como económico ou social, esteja completamente nas mãos dos povos, que se empenharam na luta e não nas de um punhado de burocratas ((e diga-se de passagem desonestos)) nem sempre daqueles que se encontraram

ou encontram hoje no terreno de combate. Muito menos devemos permitir que os estrangeiros continuem a explorar os nossos povos, que o imperialismo estenda as suas unhas até os nossos países para os subjugar no neocolonialismo.

Temos de nos bater por uma independência completa. E não há dúvida que para uma independência completa, política, económica e social, para que os nossos povos sejam realmente os senhores dos seus destinos, é necessário que nos munamos de instrumentos apropriados para a acção. Na presente fase é necessário: que a luta esteja completamente sob a orientação de um partido independente e com ideais bem definidos, que os seus militantes sejam disciplinados e assimilem inteiramente a doutrina do seu partido. É preciso que os dirigentes sejam honestos, modestos, activos e não poupem os seus esforços para bem orientar a sua organização e o seu povo. É preciso que eles estejam sempre ao lado do seu povo, acompanhando-o nos sofrimentos e nos sacrifícios diários.

Um dos problemas que mais tem sido debatido nos últimos tempos é o da presença nos nossos territórios, de portugueses ou de descendentes de portugueses cujos ideais coincidem com os nossos. Cujas vidas também tem sido dedicada ao combate contra o fascismo em Portugal, que compreendem e aceitam o direito dos povos das colónias por-

tugueses se tornarem independen-
tes e de se governarem a
si próprios como qualquer
outro povo soberano.

Neste capítulo, temos obser-
vado por vezes reacções ne-
gativas por parte de alguns
dos nossos combatentes e dos
nossos amigos. E essas atitu-
des negativas não podem se-
não prejudicar a nossa luta
de libertação. Eu falo do
problema racial.

Nos nossos países, nós não
estamos fazendo uma guerra
racial. O nosso objectivo não
é combater o homem branco só
porque ele é branco. É sim o
de eliminar e combater aque-
les que apoiam o regime co-
lonial. Todos aqueles que se
apresentam nos nossos terri-
tórios, de mãos erguidas, de-
sarmados, ou desejando dar a
sua colaboração aos guerri-
lheiros, fornecendo-lhes ali-
mentação, os géneros que fal-
tam nas matas, todos aqueles
que de qualquer modo mostram
o seu desejo de não cooperar
com o regime colonial, não
devem ser desprezados ou tra-
tados como inimigos. Eles co-
nstituem uma força que joga
a nosso favor, do mesmo modo
que, no plano internacional,
nós não procuramos apenas o
apoio dos países da África a
sul do Sahara, a chamada Afri-
ca negra, onde a pele dos
seus habitantes é mais escu-
ra, mas vamos também buscar
esse auxílio aos países de
norte-africano, onde os po-
vos que os habitam têm pele
clara. Vamos mais longe, à
Europa, buscar a ajuda poli-
tica, diplomática e material
aos países onde a maio-

ria das populações tem a cor branca, e a outros continentes, onde as diferenças raciais são mais que evidentes. Se nós desprezamos essa força formidável que é representada pelos progressistas de todo o mundo e pelos países subdesenvolvidos, à base das diferenças raciais, apenas estaremos cavando a nossa própria sepultura.

A nossa luta não é uma luta isolada no mundo, faz parte de uma luta global da Humanidade para acabar com a exploração do homem pelo homem. Assim a devemos compreender, assim a devemos enquadrar no nosso espírito, saindo portanto dos limites estreitos dos preconceitos raciais.

Por isso mesmo nós convidamos os portugueses, os filhos do povo português que se encontram fardados e armados em Angola, em Moçambique e na Guiné, para que desertem das fileiras do exército colonial, que não sujam suas mãos no sangue de inocentes, homens, mulheres e crianças, cujo unico objectivo é o de serem livres, que procedem da mesma maneira que os heróis portugueses durante as ocupações árabe e espanhola.

Que não assassinem as populações indefesas, e, perante os guerrilheiros do MPLA, da FRELIMO ou do PAIGC, levantem os seus braços, que se entreguem, e eles serão recebidos como homens, e a eles será dado o destino que quiserem dentro dos países que aceitam a presença de refu-

giados políticos. Ou melhor ainda: nós fazemos um apelo aos soldados portugueses para que desertem com as suas armas e venham para o lado dos nacionalistas, evitando assim a vergonha de participarem numa guerra injusta e tão suja como é a guerra do Vietnam.

A nossa luta não é uma luta isolada no mundo, faz parte de uma luta global da Humanidade para acabar com a exploração do homem pelo homem. Assim a devemos compreender, assim a devemos enquadrar no nosso espirito, saindo portanto dos limites estreitos dos preconceitos raciais.

Por isso mesmo nós convidamos os portugueses, os filhos do povo português que se encontram fardados e armados em Angola, em Moçambique e na Guiné, para que desertem das fileiras do exército colonial, que não sujem as suas mãos no sangue de inocentes, homens, mulheres e crianças, cujo unico objectivo é o de serem livres, que procedem da mesma maneira que os heróis portugueses durante a ocupação árabe e espanhola.

Que não assassinem as populações indefesas e, perante os guerrilheiros do MPLA, da FRELIMO ou do PAIGC, levantem os seus braços, que se entreguem, e eles serão recebidos como Homens, e eles será dado o destino que quiserem, dentro dos países que aceitam a presença de refu-

tas, com aqueles que no

do os carrascos dos nossos povos, que devemos ser complacentes com os agentes da Pide ou com os colonos organizados em milícias. De forma alguma. Só uma justiça é possível. Só uma lei de guerra pode ser adoptada: eles têm de ser liquidados pois são o baluarte da exploração colonial.

Não devemos confundir os amigos com os inimigos, mas tenhamos o cuidado de seleccionar, de escolher, de distinguir quem são os nossos amigos e quem são os nossos inimigos.

Por vezes são os próprios inimigos que nos afastam dos amigos, aproveitando-se da nossa ingenuidade política ou das nossas fraquezas, uma das quais poderá ser o nosso preconceito racial. Lá onde não existe uma ideia clara sobre este assunto, o inimigo imperialista pode perfeitamente separar-nos dos amigos e mesmo liquidar, pelas nossas próprias mãos forças apreciáveis das nossas fileiras.

Houve uma altura, entre 1961 e 1963, quando as forças reaccionárias comandadas pelo imperialismo se mostravam activas no norte do nosso país foram assassinados milhares de mestiços e de assimilados só porque eram mestiços ou assimilados. Perdemos assim esses milhares de homens, mulheres e crianças que na sua quase totalidade eram patriotas sinceros e combatentes fervorosos pela nossa causa de libertação.

Sómente porque os imperialistas conseguiram inculcar na mentalidade de combatentes, politicamente pouco esclarecidos, que todos aqueles que tinham a pele um pouco mais clara, ou que sabiam falar o português, ou ainda que tivessem servido na administração colonial eram necessariamente traidores, não podiam lutar pela independencia, não tinham esse direito, diziam eles. Foram as forças nacionalistas angolanas quem sofreu com isso, perdendo vidas preciosas, quadros importantes para a revolução e para a vida futura do país. Foram vítimas que se somaram a vítimas feitas pelos próprios colonialistas.

Mas os germes que provocam o desvio da nossa linha de acção política, não são só originados pelo imperialismo, eles provêm também de nós mesmos, e por isso temos de combater também as nossas fraquezas, as nossas insuficiências, combater tudo o que existe de negativo em nós, e nos nossos militantes e combatentes. Por vezes o que origina o ódio à base da cor da pele é a ambição, o desejo de ocupar postos elevados o desejo de subir, o desejo de reservar para si um bom lugar no futuro. E do preconceito racial ao tribalismo, apenas vai um passo.

Dentro da nossa organização, o MPLA, nós combatemos com severidade tais defeitos. Os ambiciosos, os presunçosos, os que provocam disturbios e calunias para ocupar postos, que muitas vezes não merecem ou mesmo não são capazes de

exercer devidamente, são desmascarados perante os militantes e perante o povo inteiro.

É combatendo também nesta frente de luta, na formação ideológica dos homens, na educação política dos militantes que nós poderemos garantir para o nosso futuro uma vida verdadeiramente livre.

Temos de encarar pois para os nossos partidos a linha política que nos possa salvar do racismo e do tribalismo e dos erros que foram cometidos nos países aonde a independência chegou mais cedo e por outros meios.

Felizmente a acção armada, para aqueles que lutam ao lado da justiça e contra a tirania, para aqueles que desejam a liberdade, não é só um sacrifício. É sobretudo uma força. Não é só um servedoiro de vidas. Não é só regar os terrenos de combate com o sangue dos melhores filhos dos nossos povos. É também a escola, é também um meio para que o povo continue esta luta no futuro, após a independência política, a fim de ser completamente livre, política económica e socialmente independente.

Como anteriormente disse, a experiência africana já nos ensinou muitas coisas. De entre elas podemos citar mais uma, e essa é que os partidos devem em todos os momentos controlar a vida do país. A força que nos dão as armas com as quais nos defendemos dos ocupantes estrangeiros,

com essas mesmas armas poderemos garantir no futuro a independência verdadeira. É preciso que o partido se estruture, que ele tenha uma ideologia cada vez mais bem definida. Que ele constitua a espinha dorsal, a base, o elemento principal da vida da nação. Que ele seja independente. Onde não há partido, onde os militantes não estão sujeitos a uma disciplina rigorosa, os dirigentes não se cingem aos princípios revolucionários aí entra a anarquia. Aí penetram facilmente os inimigos e, em vez de independência teremos neocolonialismo, ou um jogo duvidoso entre a dependência e a independência, entre o progresso e a reacção.

Ora isso é o que não desejamos: nós queremos uma independência completa.

No início desta mensagem falei da união existente entre as organizações dirigentes da luta armada nos países dominados por Portugal, ou seja entre a Frelimo, o Paigc e o MPLA, ou ainda entre os povos de Moçambique, da Guiné e de Angola. Esta união é justa e é necessária. As formas de cooperação na luta devem ser aperfeiçoadas porque os nossos inimigos também coordenam as suas actividades. Ninguém ignora já que os países da OTAN estão dando um auxílio muito importante para ajudar Portugal a continuar a sua guerra injusta. Ninguém ignora que a luta em Angola, em Moçambique e na Guiné teria já terminado victoriosamente para os povos

respectivos se não fossem as ajudas material e em todos os outros dominios, dada a Portugal pelos imperialistas reunidos no Facto do Atlantico-Norte. São os Estados Unidos da América, a Alemanha Federal, a França, a Grã-Bretanha e outros países quem sustenta Portugal. Mas mais um perigo se está a esboçar, e em certos capitulos já tomou forma concreta: esse perigo é o da intervenção do regime racista da Africa do sul, odiado por todos os africanos honestos em virtude da violencia com que oprime os povos não brancos daquele país. A aliança entre estes reaccionários e o governo fascista português, ou com os sul-rodésianos, oferece um perigo bem grande para os povos de Angola e de Moçambique.

Na Africa do sul fala-se abertamente nos jornais e na rádio, de intervenção directa em Angola e em Moçambique contra os nossos povos. Evidentemente, se essa agressão se vier a verificar, os racistas sul-africanos saberão pela sua própria experiencia aquilo que os portugueses já conhecem. Eles terão muitos cadáveres a enterrar, eles terão muitas familias enlutadas como as há em Portugal, eles terão muitas viaturas destruidas e aviões abatidos, e, no fim, conhecerão a vergonha da derrota, pois a vitória nesta luta só pode pertencer aos nossos povos. Essa será a vitória dos nossos povos e de todo o mundo contra a vergonha do colonialismo. É isto o que os pretensiosos racistas sul-africa-

nos aprenderão, apesar de todo o seu potencial bélico e técnico.

Uma das armas mais adequadas para podermos afastar esse perigo é exactamente consolidar a nossa união, alargá-la a outros povos que também sofrem da mesma opressão. Mas essa união deve ser liberta, completamente, de influencias estrangeiras. Totalmente livre.

Agora, dirigir-me-ei especialmente aos meus compatriotas angolanos e aos camaradas do nosso Movimento, o nosso querido MPLA, aos combatentes que, em diversas frentes estão dando as melhores provas de coragem, espírito de sacrifício e de dedicação nesta luta dura, cheia de incidentes, alguns desesperantes, mas na maioria cheios de motivos de alegria. É nítido o progresso que tem sido feito pelos nossos guerrilheiros no sentido de realizar na prática a palavra de ordem de generalizar a luta por todo o território nacional. O próprio inimigo, pela voz dos seus mais elevados representantes, não esconde a preocupação pelo avanço da nossa luta. Quando eles dizem que a guerrilha não atingirá o centro do país isto significa que já lá se encontra e os que desejam enganar o povo português, fazendo-o ignorar a verdade apenas caem no ridículo porque os portugueses sabem que a guerrilha está instalada no centro do país, e dentro em breve ela atingirá os centros urbanos, onde por enqu-

anto ainda não existem acções de carácter militar.

NOS GARANTIMOS AOS DIGNOS REPRESENTANTES DA ADMINISTRAÇÃO COLONIAL QUE DENTRO EM BREVE CONHECERÃO MAIS DURAMENTE E MAIS EXTENSAMENTE OS RESULTADOS DA ACÇÃO DA NOSSA FORÇA ARMADA.

E não será apenas o centro, mas também o sul e o norte, que conhecerão um período novo de luta. De mais dificuldades, de mais sangue para os miseráveis colonialistas.

Não é difícil desmascarar os mentirosos do governo colonial de Angola, que pretendem tapar os olhos aos colonos e à opinião pública mundial. Por um lado dizem que a guerrilha não pode avançar e, por outro lado, nos distritos onde existe a luta armada, todos os habitantes angolanos são obrigados ao controle, por intermédio de certificados de residência. Esses certificados são obrigatórios, tanto no Moxico como no Bié, tanto no Uige como em Malange, e não tardarão os decretos e portarias, tornando-os obrigatórios na Huila ou em Moçamedes, no C.-sul ou no Huambo. A luta generalizar-se-á.

Se por um lado nos dizem que as forças armadas estão moralizadas, por outro lado discute-se em publico se os grandes comerciantes devem dar só os anéis ou se devem também sacrificar os dedos para manter os seus bens, adentro do regime colonial. Os militares estão em oposição contra os civis, pois enquanto

eles oferecem as suas vidas preciosas, os grandes da rouba-lheira e da exploração tra-tam de acumular bens, de vi-ver no fausto e a despreocu-pação, em intoxicar-se na la-ma do prazer barato (ou por vezes caro), para esquecer a miséria da guerra colonial. O soldado português não é se-não um mercenário para pro-teger a riqueza dos senhores que o exploram.

Se por um lado se diz que não existe quase nada em Angola, que há paz, por outro lado, obrigam-se as populações an-golanas a viver em acampa-mentos, junto dos quartéis, com medo que elas adiram à guerrilha. Não existe qual-quer espécie de confiança en-tre a população portuguesa e a angolana.

E, mesmo assim, são centenas de homens que abandonam es-ses acampamentos para virem para as florestas onde, por agora se faz vida livre sob direção do MPLA.

O desespero dos colonialis-tas será maior dentro em bre-ve, pois os meios técnicos do MPLA tornam-se mais volu-mosos e mais perfeitos. A or-ganização é cada vez mais larga. Os homens são mais esclarecidos nas tácticas de guerrilha e têm mais ex-periência política. Mas o moral das tropas portuge-sas pode ser ilustrado pelo choro desesperado daquele pobre soldado, talvez filho de um camponês ou de um ope-rário que, durante o ataque pelas nossas forças ao quar-tel de Kalipande, abandonou chorando o seu abrigo, gri -

tando cheio de medo ou de remorso pela sua mãezinha querida. Que pena! É assim que se exprime quase sempre a coragem e a convicção com que o soldado português luta em Angola.

A todos eles, aos covardes e aos fanáticos, nós dizemos: só há um meio para acabar com esta vergonhosa situação e esse meio é o de reconhecer o direito do nosso povo à independencia, abandonar a repressão e estabelecer relações justas entre os nossos povos — o povo angolano e o povo portuhuês.

Os colonialistas portugueses e os seus aliados têm espalhado pelos quatro cantos da terra o boato de que a luta em Cabinda está paralizada porque os dólares americanos fizeram o seu efeito sobre o MPLA. Nós queremos deixar bem claro que nesta luta, quem se vende não é o MPLA, nem o povo angolano; quem se vende quem tem hipotecadas as suas colónias e até o seu próprio país, são os miseráveis governantes portugueses. São os fascistas portugueses que estão concedendo mais e mais facilidades aos investimentos estrangeiros, com desvantagem para o povo português, que (este povo português de gloriosas tradições) nada lucra com o negócio. Quem explora o ferro em Angola? Os alemães. Quem explora o petróleo? Os americanos, os belgas. A quem pertence a Companhia de Diamantes? Aos americanos, aos franceses, aos belgas, aos ingleses. A quem pertence o Caminho de Ferro

de Benguela? Aos ingleses . Quem explora o petróleo no distrito de Cabinda? Os americanos. E dentro da própria metrópole, o povo português, além das formas camufladas de exploração, sabe muito bem que há partes do território português que não estão sob o seu controle, que estão hipotecadas, onde o português não manda mas obedece ao dólar. É nos Açores, é em Beja é numa boa parte da industria turistica, etc. Quem é que se está vendendo aos estrangeiros, para continuar com a sua vergonhosa politica? São somente os fascistas portugueses. O MPLA, os seus dirigentes, o povo angolano que combate com toda a honra de armas na mão, não se vende. Não aceitam nada em troca da sua independencia. Vitória ou Morte! A Vitória é certa!

Se o ritmo de luta afrouxou nos ultimos tempos em Cabinda isso não é devido a qualquer espécie de compromisso assumido pelo MPLA. Isso deve-se por um lado à necessidade de generalizar a luta, portanto de enviar para outras regiões, dirigentes, quadros politicos e militares, que durante um certo tempo funcionou exclusivamente em Cabinda. Deve-se por outro lado à acção dos contrarevolucionários. O chamado "governo revolucionário angolano no exilio", de Kinshasa, Torneceu um bom quadro ao inimigo quando lhe enviou um Alexandre Taty que, utilizando os argumentos tribaistas se colocou ao serviço dos portugueses.

Do mesmo modo que se não fo-
ra a contrarevolução no nor-
te o inimigo português teria
já sentido os efeitos da gue-
rrilha não somente em Calom-
boloca e em Caxito, mas nas
ruas de Luanda. Mas agora fe-
lizmente a contrarevolução
está agonizante. Os colabora-
cionistas e os seus patrões
colonialistas serão esmaga-
dos conjuntamente.

Existem hoje áreas controla-
das pelo MPLA dentro do nos-
so país. Numa dessas áreas,
está estabelecida a direcção
do nosso Movimento.

Repito neste momento o apelo
a todos os nacionalistas an-
golanos refugiados nos paí-
ses vizinhos, como o Congo-
Kinshasa, o Congo-Brazzavil-
le, a Zambia, o Botswana, o
Sudoeste Africano, que regre-
ssem para as áreas controla-
das pelo MPLA para aí darem
a sua contribuição na luta.
Para combater o inimigo. Para
repovoar o território.

Os angolanos devem voltar pa-
ra Angola, para as áreas con-
troladas pelo MPLA e aí vive-
rem a verdadeira vida livre,
dentro da dureza da luta.

Os estudantes, os homens for-
mados nas universidades e
nas escolas técnicas, devem
regressar ao país e aí darem
a sua contribuição na luta.
Entre os estudantes é neces-
sário combater seriamente a
argumentação oportunista que
alguns utilizam para escon-
der o seu desejo de não par-
ticipar na luta, de se fur-
tarem ao perigo, ao trabalho
junto do povo, para viverem

a bela vida de bolseiro no estrangeiro à custa do prestígio conquistado pelos combatentes no nosso país.

Repito o apelo a todos os homens e mulheres que se encontram no interior do nosso país, para redobram a sua actividade, quer na clandestinidade quer nas zonas livres.

É necessário que em nenhum ponto de Angola o colonialista português deixe de sentir o efeito da guerra.

Constitua-se os grupos e os comités de acção onde ainda não existem e actuem ordenadamente, destruindo a economia, destruindo os meios que eles possuem para fazer esta guerra e continuar a exploração.

A nossa contribuição deve ser dada não apenas para a liquidação do sistema colonial mas também para liquidar a ignorância, a doença, as formas primitivas de organização social. É nas escolas, para uma intensa alfabetização, é nos dispensários médicos, nos Centros de Instrução Revolucionária; na produção agrícola e industrial como no comércio que cada angolano deve dar a sua contribuição.

Todos os angolanos sinceramente patriotas devem regressar AGORA para o interior do país. Devem ser activos.

As organizações de massas, os sindicatos, os organismos de

jovens, de mulheres e outros, estão já fazendo a sua primeira experiência dentro do país.

As instituições de assistência médica, de educação, de trocas comerciais e de cooperação no trabalho, estão fazendo a sua aparição nas zonas livres.

É portanto AGORA que todos os angolanos devem abandonar o estrangeiro para regressar ao país e aí trabalhar para a vitória da Revolução.

Não falarei dos que necessariamente tombam durante a luta. A estes temos de render a nossa sincera e singela homenagem. A libertação da Pátria necessita de sangue e, em primeiro lugar, do sangue dos seus melhores filhos.

Não choraremos pois os mortos. Tomaremos o exemplo do seu heroísmo, do seu valor, para avançarmos o mais possível e o mais rapidamente possível, e assim tornarmos o seu heroísmo útil para o nosso povo. CONTINUEMOS A SUA ACÇÃO.

Saibamos aproveitar todos os elementos ao nosso dispor para atirarmos ao mar os colonialistas lusitanos.

Camaradas,

A VITÓRIA É CERTA !

Alocação proferida
em 6 de Junho de 1968
através da Rádio Tanzania
em Dar-es-Salam
no programa
"Angola Combatente"

pelo Presidente do MPLA

AGOSTINHO NETO

Publicado pelo
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO
B.P. 2353 - Brazzaville



COMISSÃO DIRECTIVA DA 2ª REGIÃO

d4631